

EXTREMA-DIREITA, XENO-POPULISMO E COLONIALIDADE: DISCURSOS DE ÓDIO E COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO PRESENTE

FAR-RIGHT, XENO-POPULISM AND COLONIALITY: HATE SPEECH AND THE COLONIZATION OF THE IMAGINARY IN THE PRESENT

EXTRÊME-DROITE, XÉNO-POPULISME ET COLONIALITÉ: DISCOURS DE HAINE ET COLONISATION DE L'IMAGINAIRE DANS LE PRÉSENT

ULTRADERECHA, XENOPULISMO Y COLONIALIDAD: EL DISCURSO DEL ODIO Y LA COLONIZACIÓN DEL IMAGINARIO EN EL PRESENTE

Denise Osório Severo

Universidade de Brasília, Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes, CITCEM, Brasil

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

RESUMO: A expansão de movimentos de extrema-direita constitui um fenômeno global que tem se traduzido no surgimento e no fortalecimento de inúmeras organizações, partidos e especialmente na conquista do poder em muitos países da Europa, América do Norte e América Latina. Neste artigo, procuramos dar conta dessas desse fenômeno, primeiramente, através da apresentação e reflexão das diferentes concepções teóricas que têm sido tidas a este respeito, nomeadamente dos distintos conceitos conexos utilizados pela academia, tais como, populismo, fascismo, extrema-direita ou neoliberalismo autoritário. Num segundo nível, vamos focar a nossa atenção na Polónia e Portugal. No caso da Polónia, pelo seu carácter conjuntural reconhecidamente populista, governado desde 2015 pelo Partido Lei e Justiça. No caso de Portugal, pelo seu carácter oposto, sob gestão do Partido Socialista, recentemente reeleito com 60% dos votos, mas que vivencia outrossim fortalecimentos de movimentos de extrema-direita. Respeitadas as particularidades socioculturais e históricas de cada qual, em ambos países eles se expressam tanto no âmbito da sociedade civil como também da sociedade política. Estas experiências revelam contra faces que, apesar das diferenças, sinalizam aproximações com a perspectiva do xeno-populismo e podem iluminar a compreensão destes processos. No cenário da Polónia, a adoção de políticas institucionais e legislações contrárias aos migrantes, LGBTQIA+ e demais minorias são notáveis, assim como crescentes manifestos de movimentos de extrema-direita, ambos assentados em discursos de ódio. Por outro lado, o contexto português, ainda que governado por espectro político oposto, também vivencia processos recentes de fortalecimento da extrema-direita. De fato, o partido “Chega”, representante da extrema-direita, obteve o terceiro lugar em recente pleito, marcado por tensões que envolveram discursos de ódio, xenofobia e perspectivas nacionalistas.

Palavras-chave: imaginários, identidades, populismo, fascismo, extrema-direita, neoliberalismo autoritário, Polónia, Portugal.

ABSTRACT: The expansion of far-right movements constitutes a global phenomenon that has translated into the emergence and strengthening of numerous organizations, parties, and especially into the conquest of power in many countries in Europe, North America, and Latin America. In this article we will try to account for this phenomenon, first by presenting and reflecting on the different theoretical conceptions that have been held about it, namely the different related concepts used by academia, such as populism, fascism, extreme right or authoritarian neoliberalism. On a second level, we will focus our attention on Poland and Portugal. In the case of Poland, for its admittedly populist conjunctural character, ruled since 2015 by the Law and Justice Party. In the case of Portugal, for its opposite character, under the management of the Socialist Party, recently reelected with 60% of the

votes, but which also experiences the strengthening of extreme right-wing movements. Respecting the sociocultural and historical particularities of each, in both countries these movements are expressed both in civil society and in political society. These experiences reveal counterfaces that, despite their differences, signal approximations with the xeno-populist perspective and can shed light on the understanding of these processes. In the Polish scenario, the adoption of institutional policies and legislation against migrants, LGBTQIA+ and other minorities are notable, as well as growing manifestations of far-right movements, both based on hate speech. On the other hand, the Portuguese context, although governed by an opposite political spectrum, also experiences recent processes of strengthening of the far right. In fact, the far-right "Chega" party won third place in a recent election marked by tensions involving hate speech, xenophobia and nationalist perspectives.

Keywords: imaginaries, identities, populism, fascism, far-right, authoritarian neoliberalism, Poland, Portugal.

RÉSUMÉ: L'expansion des mouvements d'extrême droite constitue un phénomène mondial qui s'est traduit par l'émergence et le renforcement de nombreuses organisations, partis et surtout par la conquête du pouvoir dans de nombreux pays d'Europe, d'Amérique du Nord et d'Amérique Latine. Dans cet article, nous cherchons à rendre compte de ce phénomène, tout d'abord en présentant et en réfléchissant aux différentes conceptions théoriques qui ont été retenues à cet égard, à savoir les différents concepts connexes utilisés par le monde universitaire, tels que le populisme, le fascisme, l'extrême droite ou le néolibéralisme autoritaire. À un deuxième niveau, nous porterons notre attention sur la Pologne et le Portugal. Dans le cas de la Pologne, pour son caractère conjoncturel certes populiste, dirigée depuis 2015 par le parti Droit et Justice. Dans le cas du Portugal, pour son caractère opposé, sous la gestion du Parti socialiste, récemment réélu avec 60% des voix, mais qui connaît aussi le renforcement des mouvements d'extrême droite. Dans le respect des particularités socioculturelles et historiques de chacun, ces mouvements s'expriment dans les deux pays à la fois dans la société civile et dans la société politique. Ces expériences révèlent des contrefaces qui, malgré leurs différences, indiquent des rapprochements avec la perspective xéno-populiste et peuvent éclairer la compréhension de ces processus. Dans le scénario polonais, l'adoption de politiques institutionnelles et de législations contraires aux migrants, aux LGBTQIA+ et aux autres minorités est notable, ainsi que les manifestations croissantes de mouvements d'extrême droite, toutes deux basées sur des discours de haine. D'autre part, le contexte portugais, bien que régi par un spectre politique opposé, connaît également des processus récents de renforcement de l'extrême-droite. En effet, le parti "Chega", représentant de l'extrême droite, a obtenu la troisième place lors d'une récente élection marquée par des tensions impliquant des discours de haine, de la xénophobie et des perspectives nationalistes.

Mots-clés: imaginaires, identités, populisme, fascisme, extrême droite, néolibéralisme autoritaire, Pologne, Portugal.

RESUMEN: La expansión de los movimientos de extrema derecha constituye un fenómeno global que se ha traducido en el surgimiento y fortalecimiento de numerosas organizaciones, partidos y, sobre todo, en la conquista del poder en muchos países de Europa, América del Norte y América Latina. En este artículo pretendemos dar cuenta de este fenómeno, en primer lugar, presentando y reflexionando sobre las diferentes concepciones teóricas que se han tenido al respecto, es decir, los diferentes conceptos relacionados utilizados por la academia, como populismo, fascismo, extrema derecha o neoliberalismo autoritario. En un segundo nivel, centraremos nuestra atención en Polonia y Portugal. En el caso de Polonia, por su carácter coyuntural ciertamente populista, gobernada desde 2015 por el Partido Ley y Justicia. En el caso de Portugal, por su carácter opuesto, bajo la gestión del Partido Socialista, recientemente reelegido con el 60% de los votos, pero que también experimenta el fortalecimiento de los movimientos de extrema derecha. Respetando las particularidades socioculturales e históricas de cada uno, en ambos países estos movimientos se expresan tanto en la sociedad civil como en la sociedad política. Estas experiencias revelan contrafuerzas que, a pesar de sus diferencias, indican aproximaciones con la perspectiva xenopopulista y pueden arrojar luz sobre la comprensión de estos procesos. En el escenario polaco destaca la adopción de políticas institucionales y legislación contraria a los inmigrantes, a los LGBTQIA+ y a otras minorías, así como las crecientes manifestaciones de movimientos de extrema derecha, ambos basados en el discurso del odio. Por otro lado, el contexto portugués, aunque gobernado por un espectro político opuesto, también experimenta procesos recientes de fortalecimiento de la extrema derecha. De hecho, el partido "Chega", representante de la extrema derecha, obtuvo el tercer puesto en unas elecciones recientes marcadas por las tensiones relacionadas con el discurso del odio, la xenofobia y las perspectivas nacionalistas.

Palabras-clave: imaginarios, identidades, populismo, fascismo, extrema derecha, neoliberalismo autoritario, Polonia, Portugal.

1. Aproximação e contexto

A expansão de movimentos de extrema-direita constitui fenômeno global que tem se traduzido no surgimento e fortalecimento de inúmeras organizações, partidos e especialmente na conquista do poder em muitos países da Europa, América do Norte e América Latina. Autores como Marchi & Bruno (2016), Musto (2015), Lowi (2015), Traverso (2019), Davidson (2016), Robinson (2020), Abranches (2019), Chase-Dunn et al (2019), Postill (2018) e Gentile (2020), para citar alguns, discutem profundamente a temática, embora as concepções e denominações frequentemente apresentem distinções entre os autores, os quais abordam os fenômenos como expressões do populismo, fascismo, extrema-direita ou neoliberalismo autoritário.

Ao referir-se à extrema-direita contemporânea, Davidson (2016) argumenta que ela apresenta um espectro que varia desde o fascismo de um lado até o extremo conservadorismo social do outro. Em relação ao crescimento da extrema-direita na Europa em tempos recentes, autores (Robinson, 2019; Rockman, 2019; Harris, 2019; Davidson, 2016; Musto, 2015) asseveram que muitos são os exemplos que evidenciam tal fenômeno. Eles destacam o rápido crescimento do partido Alternativa para Alemanha (Afd), a expansão do UKIP no Reino Unido, o partido Frente Nacional na França, FPÖ na Áustria, partido Fidesz na Hungria, partido Lei e Justiça (PiS) da Polônia, Partido do Povo Suíço, o Democratas Suecos, dentre vários outros.

No contexto das Américas, o mandato de Trump no governo dos Estados Unidos, finalizado em janeiro de 2021, foi notoriamente imerso em sérios conflitos racistas, xenofóbicos e homofóbicos, cujo desfecho de ameaças anti-democráticas foi assistido pelo mundo em tempo real. Na América Latina, o Brasil tornou-se ícone da extrema-direita, com a vitória de Bolsonaro em 2018, o qual inaugurou uma gestão que é hoje considerada um dos governos mais populistas em nível global, ancorado em discursos de ódio contra as minorias (Gentile, 2020; Severo, 2020). Observa-se a expansão recente do conservadorismo em demais países latino-americanos, tais como El Salvador, Guatemala, Equador, Honduras, entre outros (Lima, Araujo, Assis, 2021), evidenciando a amplitude de tal fenômeno.

Embora seja indispensável assinalar as diferenciações entre os cenários aqui mencionados, a ascensão da extrema-direita em nível global é consenso na literatura e nas esferas políticas, bem como são notáveis as estratégias ancoradas na evocação de discursos de ódio alinhados ao populismo, à xenofobia, ao racismo, à homofobia e à intolerância disseminadas no seio das sociedades, que tem se traduzido no aumento da intolerância e violência contra grupos sociais minoritários. Cabe dizer que estas estratégias sinalizam uma espécie de colonização do imaginário e revelam a importância do universo da cultura e do simbólico enquanto dimensão central de disputa por hegemonia (Severo, 2020).

Ademais, sugerem a busca pela implantação de plataformas políticas alinhadas a valores conservadores, que tem como pilares a pauta anti-imigração e o combate às diversidades étnicas e culturais, em um processo que revolve e remete às reproduções históricas da colonialidade, bem como às novas formas de exclusão social que sustentam o atual estágio do ciclo de acumulação do capital. Com efeito, a própria ascensão da extrema-direita, ainda que complexa e multifacetada, é atribuída por muitos autores à necessidade de reprodução do atual modo de produção (Borras-Jr., 2018; Chase-Dunn et al, 2019; Shivji, 2020; Weeks, 2018). Ademais, a dimensão cultural, tal como mencionada, parece ser elemento-chave para a compreensão de tal fenômeno, haja vista os parâmetros, teóricos, políticos e ideológicos mobilizados nas sociedades, que apontam para uma confluência de elementos ancorados na xenofobia, no populismo e racismo.

Nesse sentido, Polônia e Portugal são países que merecem atenção. O primeiro por seu caráter conjuntural reconhecidamente populista, governado desde 2015 pelo Partido Lei e Justiça (PiS), e o segundo por seu caráter oposto, sob gestão do Partido Socialista, recentemente reeleito com 60% dos votos, mas que vivencia outrossim fortalecimentos de movimentos de extrema-direita. Respeitadas as particularidades socioculturais e históricas de cada qual, em ambos países eles se expressam tanto no âmbito da sociedade civil como também da sociedade política. Estas experiências revelam contra-faces que, apesar das diferenças, sinalizam aproximações com a perspectiva do xeno-populismo e podem iluminar a compreensão destes processos.

No cenário da Polônia, a adoção de políticas institucionais e legislações contrárias aos migrantes, LGBTQIA+ e demais minorias são notáveis, assim como crescentes manifestos de movimentos de extrema-direita, ambos assentados em discursos de ódio. Por outro lado, o contexto português, ainda que governado por espectro político oposto, também vivencia processos recentes de fortalecimento da extrema-direita. De fato, o partido “Chega”, representante da extrema-direita, obteve o terceiro lugar em recente pleito, marcado por tensões que envolveram discursos de ódio, xenofobia e perspectivas nacionalistas. Além disso, eventos ocorridos em Lisboa no segundo semestre de 2020 sinalizaram o crescimento do extremismo e acenderam um sinal de alerta. Diante do exposto e das repercussões que tal fenômeno apresenta para as dinâmicas sociais, culturais e políticas das sociedades, este artigo visa refletir sobre o xeno-populismo e suas relações com a perspectiva capitalista, colonial e racista na contemporaneidade, a partir da análise de alguns fatos políticos recentes que envolveram intervenções e expressões estético-políticas da extrema-direita no contexto da Polônia e Portugal.

2. Capitalismo, colonialidade e racismo: esteios da extrema-direita

O histórico de colonialismo e a colonialidade determinaram impactos sobre a geopolítica e a divisão sexual e internacional do trabalho, bem como sempre

expressaram a correlação de forças estabelecida em nível global ao longo de séculos. Tal processo representa disputas políticas, sociais e culturais que perpetuam-se e se expressam na correlação de forças presentes nas distintas sociedades, traduzidas em segmentos conservadores - mantenedores da concentração herdada do poder colonial - historicamente representados pelo espectro da direita e extrema-direita, e forças de resistências progressistas, opositoras em distintos graus do *status quo* e das desigualdades de classe, raça, gênero e etnia produzidas pelo processo colonial. Estas duas grandes forças não constituem monoblocos e evidentemente não são homogêneas e estáticas. Ao contrário, se movem na história dependendo dos cenários sociais, culturais e políticos instituídos, dos interesses presentes e, especialmente, dos estágios dos ciclos de acumulação do capital (Arrighi, 2012). Apesar de não serem monoblocos, é fato que a existência de países do Norte e Sul evidenciam o domínio das forças conservadoras e as bases sobre as quais as sociedades ocidentais foram construídas, a saber: a propriedade privada, o patriarcado, o escravagismo, as desigualdades de classe, raça/etnia e gênero.

Os reflexos destas desigualdades reproduzem-se ao longo de séculos, bem como os valores e padrões - intrometidos no imaginário social e cultural - que organizam e regem as sociedades ocidentais. Mesmo sabendo que a razão e os valores simbólicos dominantes sempre encontram resistências em outras racionalidades existentes e persistentes, a lógica colonial, patriarcal, racista e heteronormativa prossegue até hoje impactando as sociedades, os modos de vida e o direito de existência dos distintos grupos sociais, revelando a ausência da garantia dos direitos humanos em pleno século XXI.

Cabe dizer que os direitos humanos se inserem no bojo destes processos e, como tal, sempre foram objeto de disputa – epistemológica e política - desde suas origens e institucionalizações. Desse modo, o reconhecimento dos direitos de grupos sociais representados por migrantes, trabalhadores, mulheres, população LGBTQI+, população negra e povos indígenas, para citar alguns, sempre foram fruto da luta de classes e de todas demais lutas empreendidas pelos movimentos sociais representantes de tais segmentos, que expressaram (e expressam) resistências às heranças do colonialismo e da colonialidade.

Segundo Quijano (1992: 437) o colonialismo refere-se à "relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes.". O autor assinala ainda que esta relação de dominação colonial perpetua-se por meio da colonialidade, que significa a continuidade da estrutura de poder colonial, assentada na racialização, no eurocentrismo e na hegemonia do Estado-nação. Para Santos (2018) o colonialismo refere-se ao modo de dominação ancorado na negação do reconhecimento da humanidade de dadas populações, tidas como sub-humanas por razões etno-raciais e por isso tratadas como descartáveis.

Se considerarmos o contexto atual da extrema-direita e algumas estratégias anteriormente mencionadas, tais como os discursos de ódio evocados ou mesmo as políticas e manifestações protagonizadas por grupos de extrema-direita na Polônia, percebe-se que eles carregam consigo a definição de quais seres humanos - bem como suas culturas, saberes e valores - merecem existir nas ditas sociedades e quais devem ser extirpados. Nesse sentido, a história do processo colonial e os genocídios étnico-raciais produzidos por ela nos mostram suas inegáveis relações.

Desde esta perspectiva, é notável que os valores e padrões sociais e culturais promovidos pela extrema-direita ancoram-se naqueles oriundos do referido processo e, como tal, são fundados nas desigualdades das relações, dentre elas as de raça/etnia, gênero e classe, sustentáculos do modelo da sociedade capitalista, colonial, racista e heteronormativa. É no bojo destes processos que a presente reflexão é abordada, haja vista o entendimento de que os discursos de ódio proferidos pela extrema-direita no atual contexto são parte de um processo histórico de dominação, que utiliza estratégias de colonização do imaginário social e cultural (Severo, 2020), com o objetivo de perpetuar o referido sistema.

No interior deste modelo societário, tal como referido, não são desejáveis àqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos por tal lógica, posto que representam a subversão de tal sistema e, como tal, abrem brechas para todos demais questionamentos sobre as contradições e opressões do mesmo. Assim são os cidadãos oriundos de ex-colônias, aqueles que outrora serviram para erguer sociedades demandantes de mão-de-obra barata, capaz de viabilizar acumulação dos países do Norte e que, hoje mais do que nunca, são indesejáveis, posto que representam a falácia do sistema. Nesse sentido, expressam a *vida nua* (Agamben, 2007) originada por ele. Por esta razão, causam um mal-estar nas estruturas cristalizadas de poder e, como refere Boaventura de Sousa Santos (2018), devem ser descartados. Para tanto, muitas estratégias têm sido adotadas, seja em nível micro ou macro-político, que refletem intervenções no nível simbólico do imaginário social e cultural, penetrado por discursos de ódio e valores propagados, cujas repercussões afetam a materialidade da vida social e traduzem, tal como refere Mbembe (2018), necropolíticas que determinam quem pode viver e quem deve morrer.

Em consonância com esta lógica, mantenedora do atual ciclo de acumulação do capital, ressurgem governos populistas de extrema-direita que resgatam, atualizam e aprofundam perspectivas neocoloniais, racistas e xenófobas. As razões de tal ascenso, embora múltiplas e complexas, ancoram-se majoritariamente em dimensões econômicas e expandem-se por meio de dimensões culturais, atravessadas cada vez mais por lógicas etnocêntricas, identitárias e nacionalistas, que tem se fortalecido em distintas nações. Para além do plano material, as disputas políticas, mais do que nunca, situam-se no terreno do universo simbólico. Vive-se, portanto, uma disputa por imaginários.

3. Capitalismo global, extrema-direita e populismo: dimensões econômicas e culturais

Tal como mencionado, argumenta-se que o elemento determinante mais contundente da ascensão de movimentos de extrema-direita ao poder constitui os ciclos de acumulação do capital e seu atual estágio do capitalismo financeiro (Borras-Jr., 2018; Chase-Dunn et al, 2019; Shivji, 2020; Weeks, 2018; Severo, 2020) o qual induz modificações nas relações capital-trabalho e ocupação do Estado pelo capital, que, por sua vez, irão influenciar os processos democráticos e a “correlação de forças”, cujas variações dependem dos contextos históricos e socioculturais de cada país, bem como suas respectivas posições na divisão internacional do trabalho (Severo, 2020).

Disto decorrem as distinções e características próprias que a extrema-direita e o populismo atual irão assumir nos diferentes cenários. Apesar das particularidades, alguns elementos relativos à interpretação acerca das razões do ascenso da extrema-direita em nível global convergem na literatura, em especial àqueles relacionados à dimensão econômica, cultural e a crise de representação. Com efeito, muitos autores referem que a adesão das massas às plataformas políticas de governos populistas, autoritários ou neofascistas, se deve à insatisfação com as desigualdades sociais e econômicas acarretadas pelo neoliberalismo, além da descrença nas formas de representação política (Harris, 2019; Kiely; Saull, 2017; Postill, 2018; Putzel, 2020; Hadiz; Chryssogelos, 2017; Robinson, 2020; Chase-dunn et al., 2019).

A queda do padrão econômico de amplos segmentos da classe trabalhadora, decorrentes do desemprego estrutural, associado ao conseqüente rebaixamento do acesso a bens de consumo e a limitação no acesso às políticas sociais – derivadas de medidas de austeridade alinhadas com o modelo econômico neoliberal - conduziram à extrema concentração de renda e à sensibilização de frações de classe aos discursos e propostas ancoradas na retórica populista (Harris, 2019; Kiely; Saull, 2017; Postill, 2018; Putzel, 2020; Hadiz; Chryssogelos, 2017; Robinson, 2020; Chase-Dunn et al., 2019). Aí se encontra o alicerce para a recriação (ou atualização) da figura do “Outro”, a quem é atribuída a falência das promessas da modernidade e canalizado, tal como sublinha Hadiz e Chryssogelos (2017), o desencanto decorrente de tal processo. Cabe dizer que o referido “Outro” é plasmado fortemente na existência de migrantes, refugiados, afro-descendentes, ciganos, LGBTQIA+ e todos demais povos excluídos pelo próprio histórico colonialista e dominação geopolítica global, que sustenta e acompanha os estágios dos ciclos de acumulação do capital.

De fato, a questão da migração constitui uma das pautas centrais da agenda política da extrema-direita (Marchi & Bruno 2016; Löwi, 2015) e de governos com caráter populista, constituindo um fiel da balança em inúmeros países que elegeram representantes deste espectro ao longo da última década, especialmente após a crise

do capital de 2008 (Severo, 2020). Na esteira de tal processo, o populismo ressurgiu fortemente assentado nas dimensões econômicas e culturais, canalizando o desencanto para o fomento de imaginários sociais avessos à pluralidade e diversidade cultural, política e epistemológica. Este processo parece ter sensibilizado frações de classe aos discursos e propostas ancoradas na retórica do nacionalismo, ativando dimensões culturais que orbitam em torno de perspectivas étnicas e identitárias, centradas na culpabilização de dados grupos sociais pelas crises econômicas, sociais e até mesmo sanitárias. Isso tem corroborado discursos identitários, xenófobos e exaltação da supremacia branca, reproduzindo e ampliando o racismo, agora sob nova face, não mais restrita à população negra ou um grupo étnico específico, mas estendida a todos àqueles que se situam à margem do sistema (Guerra, 2022; Guerra et al., 2022, Guerra et al., 2021). Nesta perspectiva, representantes da extrema-direita e de governos populistas ancoram-se fortemente na propagação de valores morais e culturais que são utilizados como estratégias políticas para colonizar imaginários (Severo, 2020) que instituem o lugar do “Outro” enquanto “bode expiatório”, categoria típica do populismo, incorporada por várias expressões históricas de populismos e fascismos existentes ao longo do século XX e XXI (Rockman, 2019; Vieten & Poynting, 2016). Shivji (2020: 16) assinala as características que “os populismos reacionários compartilham com o fascismo histórico”:

O populismo fala em nome dos pobres contra os pobres. Exalta a nação como uma identidade distinta. Ele constrói seu discurso em uma plataforma moral e ética, e não em terreno político e socioeconômico. (...) privilegia “Deus e o país” em vez de povos e nações. Subjacente às exortações do líder é muitas vezes uma espécie de evangelismo. Até líderes religiosos estabelecidos falam do líder como um presente de Deus para o seu povo escolhido. (...) concentra o poder e destrói outros centros potenciais de poder real ou potencial. O poder está concentrado no executivo, marginalizando o parlamento; dentro do executivo, o poder reside no líder que emerge como o líder supremo (...) o líder se torna a fonte da verdade a quem seu partido e governo devem lealdade. [...] todas as mediações representativas entre o líder e as massas se tornam extintas. O líder fala com as massas, mobiliza e discursa diretamente. (...) o populismo reacionário monta um ataque conjunto a verdadeiros centros de pensamento, especialmente as universidades (Shivji, 2020: 16).

Algumas características centrais da extrema-direita contemporânea e do populismo, assinaladas por vários autores, refere-se à configuração da oposição de um “povo” (nós) contra as “elites” (eles), um discurso *anti-establishment*, centrado na construção de uma figura de um líder, alçado a um papel de “mito”, que se coloca como *outsider*, isto é, distante do sistema político vigente, bem como apresenta um discurso nostálgico de resgate de uma suposta “época de ouro” – que em verdade nunca existiu – sob a égide da lei e da ordem, ancorada na propagação e imposição de valores morais conservadores (Abrahansen, 2020; Severo, 2020; Severo et al., 2022; Brown, 2019; Rockman; 2019; Kiely & Saull, 2017; Hadiz & Chrysogelos, 2017;

Davidson, 2016). Destaca-se que a oposição entre “povo” e “elite” é realizada por meio da construção discursiva da figura do inimigo, isto é, o “bode expiatório” responsável por todos os “males” e que, evidentemente, deve ser combatido. Nesse sentido, Rockman (2019) acentua que o “pacote populista autoritário” adotado com grande repercussão nos Estados Unidos e demais regiões carrega consigo fundamentos tais como o isolacionismo, o nacionalismo e a centralidade dos trabalhadores estrangeiros como bodes expiatórios.

Percebe-se a abordagem da dimensão cultural e do imaginário social como cerne das estratégias populistas, materializados nas experiências do século XX e reproduzidos de modo muito semelhante, embora com suas especificidades, neste início do século XXI. A colocação de Shivji (2020) corrobora o argumento aqui assinalado em torno do reconhecimento do campo cultural como sendo o espaço central de disputa por hegemonia no cenário atual, fato que se expressa notoriamente na adoção de discursos de ódio, especialmente contra migrantes, LGBTQIA+ e mulheres. Estes discursos são propulsores de novas formas de racismo, como também disseminadores de valores morais e religiosos alçados à condição de verdades irrefutáveis.

Referindo-se ao populismo, Hadiz & Chryssogelos (2017) sublinham que seus representantes utilizam dispositivos simbólicos adaptáveis a cada cenário sociocultural, com intuito de conferir significado em determinados contextos. Ademais, Davidson (2016) assevera que a extrema-direita contemporânea revela atitudes de extremo conservadorismo social, sempre atrelados à raça e à nação, associados frequentemente às questões de gênero e orientação sexual. Em relação às interfaces entre populismo, racismo e xenofobia, Alietti & Padovan (2020) trazem à luz a perspectiva do xeno-populismo, em consonância com as ideias de xeno-racismo desenvolvida por Sivanandan (2001) e populismo racista, tratado por Inglehardt & Norris (2017; 2016) e Vieten & Poynting (2016). Segundo Alietti & Padovan (2020), uma das características centrais do populismo atual é justamente o fato de ele ser alimentado por discursos xenófobos e excludentes, promotores do sentimento anti-imigrantes e do medo de estranhos, que articula-se e comunga com demais retóricas, ideologias e impulsos nacionalistas de defesa de determinados padrões culturais, valores e preservação de uma suposta “raça” nativa.

Isto constitui uma forma de depreciar e descaracterizar os migrantes antes de expulsá-los (Sivanandan, 2001). Nesse sentido, a construção do inimigo não visa somente a demonização e, como tal, a atribuição da culpa por todos os problemas sociais, mas almeja desumanizá-lo (Sivanandan, 2001). De acordo com Alietti & Padovan (2020:11), este é o elemento fulcral que faz com que a fobia torne-se racismo, posto que “transforma o portador de uma ameaça percebida em um ‘Outro’ racializado”, categorizado por suas origens étnicas, seus padrões culturais associados a dados comportamentos, consolidando as diferenças culturais sob a

ótica destituidora de valor. O componente racista do populismo é apontado pelos autores como um aspecto estratégico de sua expansão. Desse modo, as estratégias discursivas adotadas pelo xeno-populismo agrupam populações específicas de modo indiferenciado e unificam um conjunto de parâmetros discriminatórios que são todos plasmados na figura do migrante. Isto propicia a difusão de ideias em torno da defesa de comunidades étnico-nacionais e imposição de fronteiras, através de políticas de propagação do ódio e exclusão (Alietti & Padovan, 2020). Estas questões associam-se a outras retóricas amplamente utilizadas, ancoradas na propagação de ideias acerca dos medos e ameaças de “substituição étnica” ligadas aos fluxos de migrantes e refugiados.

No bojo destes processos, o fortalecimento de propostas que exaltam comunidades étnico-nacionais serve de esteio para a reivindicação de prioridades no acesso aos direitos e políticas públicas por parte destes grupos e para a exclusão de todos os “Outros” não reconhecidos como tal, sinalizando uma retórica xeno-populista que, em verdade, visa aprisionar dados grupos sociais à subalternidade (Alietti & Padovan, 2020). Tudo isto tem conduzido a um ambiente cada vez mais hostil e xenofóbico em nível global, sobretudo nos países que se encontram sob governos populistas de extrema-direita, embora não seja circunscrito apenas a estes cenários, visto que as repercussões refletem-se no mundo todo, dadas as proporções e disputas geopolíticas que atravessam tal fenômeno social. Segundo Sivanandan (2001), a retórica de demonização dos migrantes é uma ação deliberadamente racista, mas a política de exclusão é econômica. Concomitantemente, os discursos de ódio e a rejeição aos migrantes e refugiados ampliam-se progressivamente em distintas regiões do mundo, sinalizando “colonialidades” (Quijano, 1992) que se perpetuam no século XXI, operadas pelo “xeno-populismo” (Alietti & Padovan, 2020) e pela colonização do imaginário. Tal como assinala Sivanandan (2001: 2):

Uma vez, "eles" demonizaram os negros para justificar a escravidão. Então, eles demonizaram os 'negros' para justificar o colonialismo. Hoje, eles demonizam os requerentes de asilo para justificar os caminhos do globalismo.

4. Expressões da extrema-direita e do xeno-populismo: discursos de ódio e colonização do imaginário

Tendo por base os fundamentos teóricos abordados, discute-se a seguir algumas ações e intervenções centradas em fatos políticos com repercussões importantes para o tema aqui abordado, ocorridos no contexto da Polônia e Portugal, veiculados nos meios de comunicação de massa, cuja relevância se encontra na natureza do discurso velado que, tal como se argumenta, demonstra a vigência do xeno-populismo e da colonialidade constituintes das plataformas da extrema-direita em nível global. Isto permite compreender as formas de expressão e a maneira que os discursos de ódio proferidos pela extrema-direita e pelo conjunto de atores sociais

articulados a ela no atual contexto são “gerados e canalizados”, tal como refere Emcke (2020). Desse modo, reitera-se que o lócus de intervenção da extrema-direita e do xeno-populismo tem sido fortemente centrado na dimensão da cultura. Destaca-se que os casos tratados apresentam contextos, conformações e expressões próprias, bem como representam iniciativas de atores sociais distintos, ora mais vinculados à sociedade política, ora mais relacionados à sociedade civil.

Em relação à Polônia, tal como mencionado, a gestão da extrema-direita é notoriamente reconhecida pela adoção de políticas xenófobas, racistas e anti-gênero. O Partido Lei e Justiça (PiS), de caráter ultracatólico, declara oficialmente ser defensor da “tradição e da família” e dissemina discursos de ódio contra migrantes, população LGBTQIA+, além de combater o feminismo, o multiculturalismo e os defensores do meio ambiente (El País, 2018). De fato, o governo da Polônia tem se posicionado desde a emergência da dita crise migratória, plasmada em 2015, contrário à migração e reiterou esta postura em 2020, ao recusar qualquer pacto com a União Européia que incluía o acolhimento de migrantes e refugiados (Euronews, 2021), o que retroalimenta o imaginário social e cultural no sentido da estigmatização, culpabilização e exclusão social de migrantes e refugiados, amplamente refletidos nas manifestações de movimentos da extrema-direita, que sinalizam expressões do xeno-populismo.



Figura 1: O governo polaco permanece em silêncio à medida que a xenofobia se agrava
Fonte: <https://www.dw.com/en/polands-government-stays-silent-as-xenophobia-worsens/a-39941042>

Nesse sentido, Demczuk (2020) ressalta que no contexto atual da Polônia existe uma atmosfera social de aceitação dos discursos de ódio e da retórica da exclusão propagados e legitimados pelo governo. O autor acentua que a utilização da linguagem do ódio constitui uma estratégia política adotada para lutar contra a oposição e disseminar sua ideologia do nacionalismo extremo. As autoridades públicas adotam instrumentos jurídicos discriminatórios e manipulam as regras democráticas a favor de suas bases de apoio, fenômeno que ele configura como

“legalismo discriminatório” e afirma ter sido adotado pela United Right entre 2015 e 2020. Como pode ser observado, a perseguição aos migrantes e às demais minorias tem se caracterizado como um *modus operandi* de governos conservadores e evidenciam o xeno-populismo sustentado por Alietti & Padovan (2020). As colocações de Demczuk (2020: 145) em relação ao contexto atual da Polônia sinalizam convergências:

Infelizmente, os políticos populistas poloneses usam muitas declarações de discurso de ódio contra os juizes, refugiados, comunidade LGBT +, migrantes da Ucrânia, feministas, professores protestantes ou apoiam campanhas de difamação e ódio online por motivos políticos, a fim de ganhar as eleições parlamentares em 2015, eleições locais em 2018 e, finalmente, vencer a reeleição em 2019. Esta estratégia, conhecida como estratégia discriminatória, viola a Constituição polonesa e os princípios gerais da democracia liberal - Estado de direito, proteção dos direitos humanos e proibição da discriminação (Demczuk, 2020: 145).

Diversos movimentos neofascistas e de extrema-direita tem se fortalecido no contexto polonês, com destaque para o National Radical Camp (ONR) e o All-Polish Youth (MW), os quais tem tido destaque progressivo nos últimos anos, com presença massiva nas Marchas pela Independência, realizadas anualmente em Varsóvia (Notesfrompoland, 2021). As expressões estético-políticas de ambos movimentos revelam o caráter e a natureza xenófoba, racista, patriarcal, militarista e heteronormativa dos mesmos, tal como pode ser observado a seguir:



Figura 2 e3: Imagens veiculadas de fascistas no dia da independência da Polónia em 2019

Fontes: <https://www.dreamdeferred.org.uk/2019/11/eyewitness-fascists-lead-huge-demo-on-polands-independence-day-with-jewish-and-lgbt-people-key-targets/>
<https://notesfrompoland.com/2021/02/28/far-right-group-can-be-called-fascists-rules-polands-supreme-court/>

As imagens revelam nitidamente a exaltação ao militarismo, às armas e à força, como também evidenciam a afirmação da supremacia branca e, portanto, do racismo, seja pelos símbolos identitários do All-Polish Youth (MW), seja pela insígnia do movimento ONR, representada por uma espada semelhante a uma suástica. Em relação à imagem de grupos extremistas de direita, recente relatório publicado pela

Comissão Europeia, intitulado “Contemporary manifestations of violent right-wing extremism in the EU: An overview of P/CVE practices” (EC, 2021), assinala que elas variam de acordo com as subcorrentes ideológicas destes movimentos. No caso das referidas organizações polonesas, elas são categorizadas em tal documento como neonazistas e ultranacionalistas, cujas características imagéticas são associadas à símbolos e tatuagens nazistas, assim como roupas distintas, que visam aumentar a identidade do grupo e diferenciá-los do público geral (EC, 2021). Ademais, o relatório menciona que esta categoria apresenta elevado nível de violência, a qual é utilizada para provocar o medo entre seus adversários e acelerar o caos da ordem social. Destaca-se também que, independente das correntes, a internet desempenha papel central para a organização do conjunto dos movimentos extremistas de direita, seja na coordenação operacional, recrutamento, divulgação de propaganda e financiamento. Tal como referido (EC, 2021: 7):

Eles fazem uso de uma variedade de lojas online, incluindo aplicativos de bate-papo criptografados (por exemplo, Discord, Telegram, Hoop), sites de redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, YouTube, Gab e VKontakte) e painéis de mensagens não moderados (por exemplo, Reddit, 4chan, 8kun, Stormfront e BitChute). Essas plataformas marginais, sejam dedicadas ao extremismo de direita ou colonizadas por esses movimentos, fornecem refúgios seguros online para extremistas. (EC, 2021: 7).

Estas observações sinalizam o quanto a esfera da cultura e a colonização de imaginários representa uma dimensão central para a extrema-direita, cujas repercussões tem conduzido à elevação de discursos de ódio e demais formas de violência. Segundo Demczuk (2020), desde 2015 há elevação nos incidentes xenófobos e racistas na Polônia, além de expressivo aumento de discursos de ódio online. Somente em 2017 foram registados 1.449 processos por crimes motivados por racismo, anti-semitismo ou xenofobia. O autor também sublinha que, em 2019, o Comitê para Eliminação da Discriminação Racial publicizou preocupação com a baixa percentagem de denúncias de crimes realizadas por autoridades públicas, em contraste com o crescimento da incidência, bem como assinalou a existência de crimes de motivação racial denunciados que não foram investigados enquanto tal, além do pontuar que o aumento de denúncias não resultou em aumento de condenação.

Estas questões encontram ressonância no xeno-populismo (Alietti & Padovan, 2020) e evidenciam suas relações intrínsecas com o racismo histórico e institucional, em consonância com os apontamentos realizados por Sivanandan (2001) acerca do xeno-racismo. De acordo com este autor, a demonização dos migrantes nada mais é do que uma nova roupagem para a manutenção de práticas tradicionais racistas perpetuadas ao longo da história e que se tornaram uma ferramenta utilizada pelo Estado para excluir migrantes e requerentes de asilo - ainda que sejam brancos - ancorados em discursos e retóricas que propagam a ideia de que eles colocam em

risco a riqueza, a cultura e as identidades nacionais (Sivanandan, 2001). Nesta linha argumentativa, o autor revela a astúcia contida em tais práticas, as quais induzem ao pseudo-sentido de que “a xenofobia é inocente, o racismo é o culpado” (Sivanandan, 2001: X). É interessante notar que, com relação ao ONR, a própria Suprema Corte polonesa reconheceu, em fevereiro de 2021, que o grupo apresenta natureza “fascista”, o que abre a possibilidade de sua proibição, haja vista as leis do país (Notesfrompoland, 2021), mas não torna o cenário social menos ameaçador, dadas as questões abordadas e a proliferação de movimentos com este caráter.

Estas questões também se fazem presentes no contexto de Portugal, sobretudo nos últimos anos. O recente relatório divulgado, intitulado “State of Hate: Far-Right Extremism in Europe” (Mulhall; Khan-Ruf, 2021), sob responsabilidade de três organizações não-governamentais do Reino Unido, Suécia e Alemanha – respectivamente nomeadas HOPE Not Hate, Expo e Fundação Amadeu António – alerta para a possibilidade de radicalização das formas de protestos da extrema-direita portuguesa. O referido documento assinala a identificação de 06 grupos ligados à extrema-direita em Portugal, quais sejam: a) Chega, b) Ergue-te (ex-PNR), c) Escudo Indentitário, d) Associação Portugueses Primeiro, e) Hammer Skin e f) o Movimento Zero. Os grupos apresentam distinções que variam entre populistas radicais de direita, populistas de extrema-direita, grupos identitários e grupos neonazistas (Mulhall; Khan-Ruf, 2021).

De acordo com o Relatório ILGA-EU (2020), 27 neonazistas pertencentes ao grupo Hammer Skin foram acusados pelo Ministério Público português, em junho de 2019, por 82 crimes cometidos contra população negra, pessoas LGBTQ e organizadores comunistas. As acusações incluem tentativas de homicídio, posse de armas e crimes de ódio. Além disso, o documento acentua que o referido grupo foi responsável por pichar slogans racistas e xenófobos em diversas escolas secundárias e em campo de refugiados. Episódios posteriores ocorridos na cidade de Lisboa, registrados entre junho e agosto de 2020, destacaram-se pelo mesmo teor. Na ocasião ocorreram manifestações públicas racistas e xenófobas que se expressaram por meio de diversos grafites pela cidade de Lisboa, um dos quais dizia: “Morte aos ciganos. Portugueses digam sim ao racismo!”.



Figura 4: Imagem mediática de ódio aos ciganos em 2020 em Portugal

Fonte: <https://www.dw.com/pt-002/onda-de-racismo-choca-sociedade-civil-em-portugal-que-pede-fim-da-impunidade/a-55508464>

A sede do Conselho Português para os Refugiados e da organização SOS Racismo (El País, 2020) também foi alvo de inscrições. O graffiti feito no referido Conselho continha os seguintes enunciados: “Europa para os Europeus” e “morte aos asilados”. Também foi realizada grafitação sobre um mural histórico, dedicado a homenagear um ativista morto por neonazistas nos anos 1990. Não obstante, a sede da organização SOS Racismo, amplamente reconhecida, foi pichada com a seguinte frase: “Guerra aos inimigos do meu país”. Os episódios foram seguidos por fortes ameaças enviadas por email para a entidade, cujo teor evocava: “para cada nacionalista preso cairá um antifascista e para cada nacionalista morto desaparecerão dezenas de estrangeiros”. Destaca-se que as ameaças também sublinhavam como inimigos: antifascistas, refugiados, estrangeiros, negros, homossexuais e transexuais (El País, 2020). Estes fatos culminaram em outra ação, datada de 08 de agosto de 2020, na qual um grupo de extrema-direita nomeado Resistência Nacional fez uma concentração nas ruas da cidade, com adereços, máscaras e tochas, com o objetivo de intimidar os principais ativistas antirracistas e antifascistas do país (Expresso.pt, 2020; El País, 2020).



Figura 5: Imagem mediática de manifestações racistas em 2020 em Portugal

Fonte: <https://expresso.pt/sociedade/2020-08-11-Parada-Ku-Klux-Klan-em-frente-a-sede-do-SOS-Racismo.-Associacao-vai-fazer-queixa-ao-Ministerio-Publico>

Novos episódios foram registrados em outubro de 2020, por meio de pichações em escolas e universidades, dentre as quais uma delas referia: “Fora com os pretos! Por uma escola branca” (DW, 2020). Todas estas ações revelam nitidamente seu caráter racista, xenofóbico, discriminatório e violento, cujas estratégias indicam formas de atuação que incidem no terreno da cultura e do simbólico, favorecendo a colonização de imaginários e evidenciando não tratar-se de casos isolados, visto a recorrência dos atos. Cabe assinalar que, para além do racismo explícito, as pichações remetem necessariamente à xenofobia, haja vista o histórico de migração das ex-colônias em direção à Portugal.



Figura 6: Imagem mediática de ódio aos negros em 2020 em Portugal

Fonte: <https://www.dw.com/pt-002/onda-de-racismo-choca-sociedade-civil-em-portugal-que-pede-fim-da-impunidade/a-55508464>

Por outro lado, o racismo e a xenofobia também foram explicitamente evocados em discursos de ódio proferidos publicamente por André Ventura, representante do partido Chega, nas recentes eleições presidenciais ocorridas em janeiro de 2021, retroalimentando uma perspectiva excludente, nacionalista e reprodutora de uma lógica colonial, racista e capitalista, que alinha-se ao xeno-populismo. Isto se expressou nas peças publicitárias do partido, amplamente disseminadas nas mídias durante a campanha:



Figura 7: Imagem da emergência do Chega e de André Ventura em 2019.

Fonte: <https://twitter.com/nucleodo>

Evidentemente, não se trata aqui de igualar, tal como refere Marchi (2020), movimentos como o Hammer Skin e partidos políticos emergentes como o Chega. No entanto, é preciso assinalar que, especialmente no atual contexto, não se pode desconsiderar a importância que a miríade de movimentos extremistas de direita e também os partidos de extrema-direita e/ou nova direita, têm apresentado no que tange à disseminação de discursos de ódio e construção de imaginários sociais cada vez mais adversos às diversidades culturais, que refletem seus alinhamentos à agenda anti-imigração e anti-gênero. Nota-se que André Ventura (Partido Chega) atribui às minorias o lugar do “Outro”, do estranho, responsável e culpado pelas mazelas da economia, do desemprego e insuficiência dos serviços públicos, colocando-os no lugar de encargos da sociedade e usurpadores do que resta dos sistemas de proteção social providos pelo Estado, tão combatidos pela globalização neoliberal. Estes elementos convergem com as colocações anteriores acerca da demonização dos migrantes e apelo ao sentimento nacionalista e xenófobo, além de traduzir a homogeneização de grupos sociais distintos (Alietti & Padovan, 2020; Vieten & Pynting, 2016; Sivanandan, 2001).

Os discursos e narrativas orbitaram expressivamente em torno das questões da migração e demais minorias, inclusive nos debates entre segmentos partidários conservadores. Segundo amplamente divulgado nos meios de comunicação, as pautas em torno de “ciganos, minorias e imigrantes” (TVI24, 2021) ganhou destaque durante a recente campanha eleitoral, em debate realizado entre André Ventura (Partido Chega) e Tiago Mayan Goncalves (Partido Iniciativa Liberal), no qual ambos se destacaram ao evocar às seguintes colocações:

André Ventura já afirmou que não quer ser Presidente de todos os portugueses. André Ventura mandou uma deputada negra para a sua terra. André Ventura quis, no início desta pandemia, cavalgar o medo e fazer confinamento de uma etnia. André Ventura é alguém que proclama a desconfiança para com os imigrantes aqui em Portugal (Gonçalves In TVI24, 2021).

Eu fico estupefacto por alguém aparecer num programa de debate e dizer assim: 'eu sou de direita, mas coitadinhas das minorias, eles são muito fragilizados e nós temos de estar ao lado delas. Coitadinhos porque temos de os apoiar e os imigrantes e as minorias e a justiça'. Isto é que é ser de direita? Eu vou-lhe dar uma sugestão, Tiago. Deixe de se chamar Iniciativa Liberal e chame-se Esquerda Liberal, é melhor (...) Isso não é ser de direita, é ser um travesti de direita que é pensar, fingir que é de direita, quando na verdade, não é (Ventura In TVI24, 2021).

No que tange à fala de Goncalves, as acusações remetem à propagação do racismo, aspecto caro à sociedade portuguesa, haja vista as heranças históricas do processo colonial e suas repercussões no imaginário social e cultural ainda vigentes, mesmo que velados. A existência e propagação do racismo e discriminação são notáveis também nas expressões dos movimentos de extrema-direita que se

traduziram nas pichações mencionadas neste artigo. Elas traduzem narrativas imagéticas e discursivas racistas, que sugerem ameaças à identidade cultural portuguesa - em consonância com a estratégia xeno-populista de reforço das comunidades étnico-nacionais (Alietti & Padovan, 2020) – e retroalimentam a geopolítica da exclusão de raça/etnia, gênero e classe do sistema capitalista. Tanto as pichações como também o teor do debate entre os candidatos André Ventura e Tiago Goncalves revelam nitidamente pendor xenófobo que encontram ressonância no referencial teórico e nos argumentos discutidos neste artigo. A fala de André Ventura alude à estigmatização e culpabilização das minorias, reiterando a narrativa assentada no agrupamento de grupos sociais distintos e na categorização dos mesmos enquanto inimigos da nação e detentores de privilégios por parte do Estado e da sociedade.

Os casos abordados sinalizam a retórica xeno-populista e a expansão de discursos de ódio presentes tanto no âmbito da sociedade civil como também da sociedade política. No entanto, há que considerar que muitos outros sinais cotidianos parecem avançar silenciosamente nas dinâmicas sociais em nível global, cujos signos nem sempre são codificados e valorizados. Por vezes eles se assemelham a distopias e ações atomizadas, desprovidas de potencial para conduzir a qualquer forma de engendramento social, cultural e político. Todavia, a captação dos ínfimos sinais e tendências é não somente analiticamente útil como necessária em tempos de tamanhas transformações. Nesse sentido, o artigo de Zúquete (2020), intitulado “Para Além do Populismo: a defesa da identidade branca na Europa Ocidental”, provoca a reflexão acerca do nível de enraizamento que as perspectivas, ideias, narrativas e discursos de ódio de segmentos da extrema-direita se encontram e apontam para a importância de perceber o quanto estes discursos germinam e recriam novos e velhos movimentos que podem reconduzir as sociedades a retrocessos e até barbáries civilizatórias outrora já superadas.

5. Reflexões finais

O fortalecimento da extrema-direita no mundo é um fato indubitável que, embora apresente especificidades em cada contexto, não deve ser analisado de forma isolada, haja vista que evidencia aproximações nítidas em seus fundamentos e *modos operandi*, os quais revelam cada vez mais a adoção de uma perspectiva xeno-populista, assentada na incorporação de discursos de ódio contra migrantes e demais minorias, enquanto estratégia política xenófoba, racista e excludente, centrada no universo cultural e simbólico. Estas estratégias sinalizam a disputa por imaginários e pelo domínio da dimensão cultural que, em última instância, visa favorecer as engrenagens do sistema capitalista, patriarcal, racista e heteronormativo, conferindo uma face contemporânea à lógica de dominação colonial.

Nesse sentido, as intersecções entre xenofobia, racismo e populismo, implícitas nas plataformas e estratégias da extrema-direita contemporânea, revelam a definição de quais grupos sociais são aceitáveis e úteis ao capitalismo e aos neocolonialismos, e quais são os segmentos que representam entraves, seja por seu caráter revelador das desigualdades sociais, seja por sua indelével capacidade de evocar ao mundo as múltiplas formas de existência, culturas e saberes existentes, cujas dominações geopolíticas, apesar de tudo, não conseguiram extirpar.

Assiste-se, portanto, à eleição e definição de quem é o “Outro” no contexto atual de acumulação. Esse “Outro” capaz de plasmar a figura do execrável, responsável pelas mazelas das sociedades, supostamente perturbadas por suas subversões culturais e políticas que abalam as promessas da modernidade. Neste terreno movediço de disputas de narrativas, engendram-se cada vez mais conformações subterrâneas sectárias, racistas, xenófobas, homofóbicas e misóginas, ancoradas em questões identitárias, que ressuscitam antigas ordens sociais e reafirmam as lutas por territórios, sejam eles simbólicos ou reais, desvelando novas roupagens para velhas disputas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrahansen, Rita; Drolet, Jean-François; Gheciu, Alexandra; Narita, Karin; Vucetic, Srdjan & Williams, Michael (2020). Confronting the International Political Sociology of the New Right. *International Political Sociology*, 14, 94–107.
- Abranches, Sérgio (2019). Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Cia das Letras, 11-34.
- Agamben, Giorgio (2007). *Homo sacer, o poder soberano e a vida nua, I*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Alietti, Alfredo & Padovan, Dario (2020) (Orgs). *Clockwork Enemy - Xenophobia and racism in the Era of neo-populism*. Mimesis International.
- Anderson, Benedict (2009). Afterword. In Kosuke Mizuno & Pasuk Phongpaichit (Eds). *Populism in Asia* (217–220). Singapore: NUS Press & Kyoto University Press.
- Arrighi, Giovanni (2012). *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto/São Paulo: UNESP.
- Bilewics, Michal & Soral, Wiktor (2020). Hate Speech Epidemic. The dynamic effects of derogatory language on intergroup relations and political radicalization. *Political Psychology*, 41(1), 3-33.
- Borras Jr. & Saturnino M (2019). Agrarian social movements: The absurdly difficult but not impossible agenda of defeating right-wing populism and exploring a socialist future. *Journal of Agrarian Change*; 1–34.
- Brown, Kevin J (2020). The banishment of the poor from public space: Promoting and contesting neo-liberalisation at the municipal level. *Social & Legal Studies*, 29(4), 574–595.
- Chase-Dunn, Christopher; Grimes, Peter & Anderson, Eugene N. (2019). Cyclical Evolution of the Global Right. *CRS/RCS*, 56 (4), 529-555.
- Davidson, Neil & Saull, Richard (2016). Neoliberalism and the far-right: a contradictory embrace. *Critical Sociology*, 1-18.
- Demczuk, Agnieszka E. (2020). The Discriminatory legalism strategy and hate speech cases in Poland. The role of the commissioner for human rights in fighting discrimination. *Maria Curie-Skłodowska University. Institute of Political Science and Administration*, XXVII (2), 127-148.
- Emcke, Carolin (2020). *Contra o ódio*. Veneza: Ayné.
- Gentile, Fabio (2020). “Do “povo amorfo” ao populismo. A trajetória do conceito de populismo nas ciências sociais brasileiras”. *Revista de História*, 26(2), 459-480.
- Guerra, Paula (2022). Romper com a fragilidade: Do bairro para o mundo. *CesContexto Debates*, 32, 36-50.

- Guerra, Paula; Hoefel, Maria da Graça; Severo, Denise & Sousa, Sofia (2022). Ativismo estético-político de mulheres migrantes brasileiras. In Sérgio Ricardo Oliveira Martins & Sarah Oliveira Carneiro (Orgs). *Conhecimento, ciência e realidade* (193-216). Bahia: EDUFBR Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- Guerra, Paula; Hoefel, Maria da Graça; Sousa, Sofia & Severo, Denise Osório (2021). “Tu é machista”. Música, ativismo estético-político e (re)configuração social e política nos tempos presentes. *NAVA*, v. 6, n. 1 e 2, 267-297.
- Harris, Jarry (2019). “The future of globalisation: neo-fascism or the Green New Deal”. *Race & Class*, 61(1), 3–25.
- Inglehardt, Ronald; Norris, Pippa (2019). “Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash”. *HKS Working Paper No. RWP16-026*.
- Inglehardt, Ronald; Norris, Pippa (2017). “Trump and the Populist Authoritarian Parties: The Silent Revolution in Reverse”. *Perspectives on Politics*, 15(2), 443-454.
- Kielly, Ray; Saull, Richard (2017). “Neoliberalism and the Far-Right: An Introduction”. *Critical Sociology*, 821-829.
- Lima, Izabelle C.; Araújo, Maria L.A.; Assis Raimundo J.S (2021). “Uma investigação sobre a “virada política” da nova direita na região da América Latina”. *Revista Continentes (UFRRJ)*, 18, 67-95.
- Löwi, Michel (2015). “Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil”. *Serv. Soc. Soc.*, 124, 652-664.
- Marchi, Ricardo; Bruno, Guido (2016). “A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados”. *Relações Internacionais*, 39-56.
- Mbembe, Achille (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n-1 edições.
- Mulhall, Joe; Khan-Ruf, Safya (2020). Report State of Hate: far-right extremism in Europe. Disponível em: <https://www.belltower.news/wp-content/uploads/sites/3/2021/02/ESOH-LOCKED-FINAL.pdf>
- Musto, Marcello (2015). “O avanço da extrema-direita na Europa”. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 11.
- Perry, Keisha-Khan Y (2019). “The Resurgent Far Right and the Black Feminist Struggle for Social Democracy in Brazil”. *American Anthropologist*, 0(0), 1–6.
- Postill, John (2018). “Populism and social media: a global perspective”. *Media, Culture & Society*, 40(5), 754–765
- Putzel, James (2020). “The ‘Populist’ Right Challenge to Neoliberalism: Social Policy between a Rock and a Hard Place”. *Development and Change*, 0(0), 1–24.
- Quijano, Aníbal (1992). “Colonialidad y Modernidad-racionalidad”. In: H. Bonillo (Org.), *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 437-449.
- Richardson, John E (2019). “British fascism, fascist culture, British culture”. *Patterns of Prejudice*. 53(3), 236-252.
- Robinson, William I (2020). “Don't cry for me, Latin America”. *Human Geography*, 0(0) 1–4.
- Robinson, William I (2019). “Global Capitalist Crisis and Twenty-First Century Fascism: Beyond the Trump Hype”. *Science & Society*, 83(2), 155–183
- Rockman, Bert A (2019). “Bureaucracy Between Populism and Technocracy”. *Administration & Society*, .51(10), 1546–1575.
- Santos, Boaventura de Sousa (2018). *O Colonialismo e o século XXI*. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=boaventura-o-colonialismo-e-o-seculo-xxi>
- Severo, Denise O; Hoefel, Maria G. L.; Silva, José J. N (2022). Movimentos de extrema-direita e violência contra as minorias no contexto do Brasil: Discursos de ódio e colonização do imaginário. *Revista R: I n.º 73, Março 2022*, p.67-84.
- Severo, Denise O (2020). “Impactos da ascensão dos movimentos de extrema-direita sobre os Direitos Humanos no contexto do Brasil: uma proposta de matriz de análise”. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, 4(1), 14-29.
- Silva, Antonio José Bacelar; Larkins, Erika Robb (2019). “The Bolsonaro Election, Antiracism, and Changing Race Relations in Brazil”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, 0(0), 1–21.
- Sivanadan, Ambalavaner (2001). “Poverty is the new Black. An introduction”. *Race & Class*, 43(2), 1-5.
- Traverso, Enzo (2019). “Do Fascismo ao Pós-Fascismo”. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*. 13 (2), 12-44.
- Vieten, Ulrike; Poynting, Scott (2016). “Contemporary Far-Right Racist Populism in Europe”. *Journal of Intercultural Studies*, 37(6), 533–540.

- Weeks, John (2018). "David Gordon Memorial Lecture: Free Markets and the Decline of Democracy". *Review of Radical Political Economics*, 1–12.
- Zúquete, José Pedro (2020). "Para além do populismo: a defesa da identidade branca na Europa Ocidental". In: Pinto, Antonio C.; Gentile, Fábio (Orgs.). *Populismo: Teorias e Casos*. Fortaleza: EdMeta Editora.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- Dreamdeferred.org.UK (2019). Eyewitness: fascists lead huge demo on Poland's independence day, with Jewish and LGBT people key targets. Disponível em: <https://www.dreamdeferred.org.uk/2019/11/eyewitness-fascists-lead-huge-demo-on-polands-independence-day-with-jewish-and-lgbt-people-key-targets/>.
- DW (2020). Extrema-direita e ativistas LGBT se enfrentam em ato na Polônia. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/extrema-direita-e-ativistas-lgbt-se-enfrentam-em-ato-na-pol%C3%B4nia/a-54594446>
- DW (2020). Onda de racismo choca sociedade civil em Portugal que pede fim da impunidade. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/onda-de-racismo-choca-sociedade-civil-em-portugal-que-pede-fim-da-impunidade/a-55508464>
- DW (2017). Poland's governments stays silente as xenophobia worsens. Disponível em: <https://www.dw.com/en/polands-government-stays-silent-as-xenophobia-worsens/a-39941042>
- El País (2020). Portugal investiga ameaças de morte da extrema-direita contra três deputadas. Disponível: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-14/portugal-investiga-ameacas-de-morte-da-extrema-direita-contra-tres-deputadas.html> .
- El País (2018). A "revolução patriótica" que promove avalanche de direita na Polônia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530989514_090493.html
- Euronews (2021). Orban promove nova aliança ultra-conservadora na Europa. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/04/01/orban-promove-nova-alianca-ultraconservadora-na-europa>
- European Commission (2021). Contemporary manifestations of violent right-wing extremism in the EU: An overview of P/CVE practices. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files/2021-04/ran_adhoc_cont_manif_vrwe_eu_overv_pcve_pract_2021_en.pdf
- Expresso.pt (2020). "Parada Ku Klux Klan" em frente à sede do SOS Racismo. Associação vai fazer queixa ao Ministério Público. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2020-08-11-Parada-Ku-Klux-Klan-em-frente-a-sede-do-SOS-Racismo.-Associacao-vai-fazer-queixa-ao-Ministerio-Publico>
- Ilga-Europe (2020). ILGA-Europe's Annual Review of the Human Rights Situation of Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex People in Europe and Central Asia. Disponível em: https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/2020/full_annual_review.pdf
- Notes From Poland (2021). Far-right group can be called "fascist" rules Poland's Supreme Court. Disponível em: <https://notesfrompoland.com/2021/02/28/far-right-group-can-be-called-fascists-rules-polands-supreme-court/>
- TVI24 (2021). O debate mais à direita teve ciganos, minorias e imigrantes. Disponível em: <https://tvi24.iol.pt/politica/andre-ventura/o-debate-mais-a-direita-teve-ciganos-minorias-e-imigrantes>.

Denise Osório Severo. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB)/Brasil. Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB). Membro do Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes/UnB. Pós-Doutora pela Universidade do Porto, Portugal. Investigadora Colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM). Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900, Brasil. Email: denisesevero.unb@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9337-9309.

Paula Guerra. Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic

Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: *DIY, Alternative Culture & Society*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Receção: 11-05-2021

Aprovação: 18-02-2022

Citação:

Severo, Denise Osório; Guerra, Paula (2022). Extrema-direita, xeno-populismo e colonialidade: discursos de ódio e colonização do imaginário no presente. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), pp. 55-76. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n1a3